

**Enflorar na Organização de Mulheres Indígenas:
Protagonismo e Narrativas da liderança Xiu Shanenawa**

Alessandra Severino da Silva Manchinery

Programa de Pós-Graduação Mestrado e
Doutorado em Geografia da Universidade
Federal de Rondônia

Gemina Brandão Borges

Coordenadora das Organizações de
Mulheres Indígenas do Acre, Sul do
Amazonas e Noroeste de Rondônia

Depoimento colhido por Alessandra Severino da Silva Manchinery

Xíu Shanenawa: Meu nome no registro de nascimento é Gemina Brandão Borges, sou casada e tenho três filhos. Atualmente sou estudante de Administração no Instituto Federal de Rondônia, e também Coordenadora-Geral da Organização de Mulheres Indígenas do Acre, Sul do Amazonas e Noroeste de Rondônia. Além disso, faço parte como Conselheira Titular da Câmara Temática de Povos Originários no Município de Rio Branco/Acre.

Aqui narro meu protagonismo e resistência, pela qual sou conexão com minhas raízes, luto pela preservação da cultura indígena e realizo diálogos entre as diferentes culturas. Durante minha permanência na Aldeia Nova Vida, em Feijó-Acre, onde os primeiros ensinamentos foram transmitidos pelos meus avós, fui ensinada o respeito pela diversidade e luta pela causa indígena. Contudo, minha vida tomou rumos inesperados quando, aos sete anos, me mudei para a cidade para viver com minha mãe biológica em Feijó. Logo depois, fui entregue a uma família não indígena, onde passei grande parte da minha juventude. Esses anos foram repletos de desafios, mas eles não diminuíram meu amor e respeito pelo meu povo.

Em 2005, minha mãe se mudou para a capital para representar organizações indígenas, e devido ao preconceito que enfrentei na família adotiva, decidi retornar para viver com ela. Consegui um estágio na Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) e fui cedida para trabalhar na Casa de Saúde Indígena – Casai de Rio Branco/AC, realizando o sonho de trabalhar com a cultura indígena. Fiz cursos de informática e gerenciamento de projetos indígenas, adquirindo conhecimentos para ajudar minha comunidade. Em 2006, aos 15 anos, casei, e fiz um retorno para a Aldeia Nova Vida.

Já em 2012, fiz cursos de auxiliar de saúde bucal e técnico de saúde bucal, atuando na saúde indígena em todas as aldeias do alto e baixo rio Envira, nas comunidades Madija, Hunikui,



Ashaninka e Shanenawa, que são povos indígenas do Estado do Acre. Aprendi o idioma básico de cada uma destas etnias para usar no atendimento de prevenção de doenças bucais e facilitar o diálogo com meu povo Shanenawa.

Em 2016, mudei-me novamente para Rio Branco e comecei a trabalhar como faxineira para sustentar minha família, pois a vida para indígenas em contexto urbano é árdua. Decidida a valorizar a cultura indígena, criei um grupo de mulheres para trabalhar comigo, proporcionando renda e fortalecendo a identidade cultural. O grupo é chamado de Fadas da Limpeza e se tornou uma referência em limpeza doméstica com participantes de diversas etnias como Yawanawa, Huni Kuin, Apurinã e Shanenawa, e também pessoas não indígenas de áreas periféricas de Rio Branco. Prestamos serviços para organizações indígenas como FEPHAC e SITOAKORE, além de atender o público em geral, fortalecemos a autonomia de mulheres indígenas que residem na cidade.

Minha luta tem sido de extrema importância para a minha comunidade indígena, o povo Shanenawa, e para muitas mulheres do Estado do Acre. Assim, tornei-me uma agente social, defensora da pauta feminina, mas, sobretudo, dos direitos indígenas como a preservação do conhecimento cultural, social e político. Por esse motivo, tenho trabalhado para resgatar e preservar as tradições ancestrais da minha etnia, como danças, práticas espirituais, culinária, garantindo assim a soberania alimentar.

A culinária indígena tem sido um marco condutor, onde emerge minha força e mergulho nas tradições que foram transmitidas de geração em geração pelos meus avós. Cada prato que preparo é uma forma de preservar nossa herança cultural e honrar nossa conexão com a natureza. A culinária é uma parte essencial de nossa identidade, e ao preparar pratos como o vutã, que é um mingau de banana verde ralado com tatu onde é servido em ocasiões especiais, o mingau de banana madura com amendoim, e o beiju, peixe assado na folha da bananeira, sinto a importância de me dedicar a esta arte e na obrigação de repassar aos meus filhos.

Assim, afirmo minha construção identitária a partir dos conhecimentos culturais que possuo, pois a culinária não é somente ingredientes, ou apenas alimentos, são os pilares de nossa identidade alimentar, da nossa força feminina. O Beiju com Peixe Assado, por exemplo, é mais do que uma refeição; é uma maneira de manter viva e transformar a mandioca em *Atsa*, que é um prato fino e crocante. Essa prática vem da tradição de assar peixes envoltos em folhas de bananeira, é um conhecimento milenar que passa de uma geração para outra, e para fortalecer minha luta no movimento indígena, mantenho esse saber com respeito e devoção. Cada vez que preparo essa iguaria tenho a certeza de que estou mantendo a tradição do meu povo viva, e tenho forças para continuar na luta que foram de meus antepassados.

Logo, sinto que torno-me como o peixe, que é um símbolo da abundância dos rios amazônicos, é mais do que apenas um peixe; é um lembrete da importância de valorizar e proteger nossa natureza, de tal maneira que me viro uma figura de resistência e empoderamento na Amazônia acriana.

A preservação cultural é essencial na vida da mulher indígena, e a preparação desses pratos é uma parte crucial desse esforço. Ao valorizar nossas comidas tradicionais, estamos contribuindo para a preservação da biodiversidade e a sustentabilidade dos recursos naturais da



Amazônia. Minha vida sempre foi, e é marcada por desafios e superações, desde minha infância até minha atuação como articuladora, envolvimento com a cultura indígena e ações de preservação cultural.

Como estudante de Administração no Instituto Federal do Acre, continuo promovendo e ajudando minha comunidade em festivais culturais, fortalecendo as identidades e memórias culturais, e obviamente interculturalizando os conhecimentos diversos.

Já minha atuação como articuladora da Cultura e no Núcleo de Apoio de Afrodescendentes e Indígenas, tenho o compromisso em fortalecer a cultura indígena e valorizar nossas identidades e memórias culturais. Minha trajetória de vida é uma demonstração de como a dedicação à luta da mulher indígena, à preservação da cultura e o diálogo intercultural podem criar pontes entre mundos diferentes.

Atualmente sou uma representante orgulhosa dos Shanenawa no mundo dos “brancos” e coordenadora de uma das maiores organizações do Acre, a SITOAKORE, que é a Organização de mulheres indígenas do Acre, Sul do Amazonas e Noroeste de Rondônia representando uma diversidade de mulheres de diferentes povos, a nível municipal, estadual, nacional e internacional. Atuando também como articuladora de várias iniciativas para promover a compreensão promovendo o respeito e valorização das tradições e saberes indígenas. Esse diálogo é fundamental para a construção de relações mais justas e respeitadas entre diferentes culturas e para o fortalecimento da diversidade cultural brasileira.

Como Coordenadora da Sitoakore meu trabalho é fazer com que outras instâncias reconheçam o papel e importância ativa e histórica da mulher indígena dentro e fora das aldeias. É uma organização que se enraíza na defesa dos direitos sociais e culturais das mulheres indígenas, na promoção e no fortalecimento de suas atividades, como forma de garantir a presença feminina nas diversas áreas de discussão que envolvem políticas direcionadas aos povos indígenas.

Estando presente em 10 municípios dos Estados do Acre, Sul do Amazonas e Noroeste de Rondônia, representando 18 povos, distribuídos em 37 terras e 458 aldeias indígenas, atuando em diversas áreas como artesanato indígena, parteiras tradicionais, plantas medicinais, mudanças climáticas e segurança alimentar das mulheres indígenas.

Articulamos para promover o empoderamento e ocupação de mulheres em espaços de poder, e através do Diálogo Intercultural, que é uma parte essencial do meu compromisso com as mulheres indígenas, as comunidades e a sociedade em geral, construímos projetos de autonomia, valorização das parteiras tradicionais e, sobretudo, oficinas sobre os direitos do gênero feminino. Por esse motivo, tenho relatado a importância da culinária na minha vida, que foi uma forma de ter autonomia, mas também uma ponte valiosa para manter viva a luta das anciãs indígenas, permitindo que outras culturas conheçam e respeitem nossa cultura como um todo.

A Educação Superior tem demonstrado que, mesmo diante de desafios, a educação é uma ferramenta poderosa para o empoderamento, e para me aprimorar como Coordenadora na Organização Indígena. E por meio da educação continuo promovendo atividades com a comunidade para fortalecer as identidades e memórias culturais indígenas.

Porque penso que no mundo dos não indígenas, atuando como articuladora, muitos não



valorizam a cultura indígena, por esse motivo sofremos com racismo. Isso tem se tornado um apontamento para que o indivíduo comece a promover ações de valorização de saberes-conhecimentos dos povos indígenas, onde compartilho nossa herança cultural e honro nossa conexão com a natureza. Contribuindo, assim, para a preservação das tradições ancestrais, como danças, músicas e práticas espirituais.

Já no Conselho Municipal de Cultura, onde ativamente contribuo para a construção de políticas públicas culturais do município de Rio Branco, participo de reuniões do Conselho Estadual de Cultura e mobilizações indígenas em prol de condições de participação para os indígenas.

Toda minha vida tem sido uma jornada de conexão com minhas raízes, preservação da cultura indígena, luta, resistência e diálogo intercultural, a organização tem sido uma afluência que desempenhou e desempenha um papel central nessa jornada, onde honro todas as tradições indígenas, mantendo viva nossa identidade cultural e compartilho a riqueza da nossa herança com o mundo.

Estou determinada a continuar essa missão, contribuindo para a preservação da biodiversidade e a sustentabilidade da natureza da Amazônia, enquanto fortaleço a cultura do meu povo, e de outras mulheres e das gerações futuras. Minha jornada é uma demonstração de como a dedicação à preservação da cultura indígena é um caminho duro, porém gratificante. Aqui encerro essa narrativa, mas a luta continua.



Foto 01 – Liderança Xiu Shanenawa na I Assembleia das Mulheres indígenas do Rio Envira – Feijó no Estado do Acre/2024



Fonte: Acervo pessoal Xiu Shanenawa/2024

HISTÓRICO

Submetido: 17 de novembro de 2024.

Aprovado: 19 de novembro de 2024.

Publicado: 19 de dezembro de 2024.

DADOS DO(S) AUTOR(ES)

Alessandra Severino da Silva Manchinery

Mestra (2019) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Bolsista (CAPES). Membro do Grupo de Pesquisa Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas (GENTEH/UNIR). Porto Velho, Rondônia, Brasil. Rua Hildebrando de Souza, nº 63, Rio Branco, Acre, Brasil, CEP: 69.902-630

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0808-7748>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0739482827429137>.

E-mail: amanchinery@gmail.com.



Gemina Brandão Borges

Bacharelanda no Curso de Administração no Instituto Federal do Acre (IFAC), com previsão de formação em 2025. Bolsista do Programa Bolsa Permanência. Coordenadora da Organização de Mulheres Indígenas do Acre, Sul do Amazonas e Noroeste de Rondônia (SITOAKORE), Rio Branco, Acre, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Angico nº: 10, Bairro Chico Mendes, Rio Branco, Acre, Brasil, CEP: 69.902-687.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9215-2671>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7489162239604885>.

E-mail: gemina.brandao.borges@gmail.com.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

MANCHINERY, A. S. S.; BORGES, G. B. Enflorar na Organização de Mulheres Indígenas: Protagonismo e Narrativas da liderança Xiu Shanenawa. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 25, e14474, 2024.